

FESTSCHRIFT PARA MARCÍLIO

Organizado por
EDMAR BACHA E JOSÉ LUIZ ALQUÉRES



Autores:

ARMÍNIO FRAGA • CELSO LAFER • EDMAR BACHA
• ELENA LANDAU • GELSON FONSECA JUNIOR
• JOSÉ LUIZ ALQUÉRES • LUIZ ANTONIO GONÇALVES
• MERVAL PEREIRA • PAULO GURGEL VALENTE
• PEDRO BODIN • PEDRO MALAN

Instituto de Estudos
de Política Econômica



Casa das Garças

MA
JANELA
AMARELA
EDITORA

EDIÇÕES DE
janeiro

Por ocasião do lançamento da biografia de Marcílio Marques Moreira, intitulada *O Social Como Elixir*, um grupo de amigos e antigos colaboradores homenagearam o Ministro no Instituto de Estudos de Política Econômica/Casa das Garças, este excepcional centro de inteligência e debate situado no Rio de Janeiro.

Os bons discursos efetuados na ocasião não deveriam ser perdidos, pois refletem, em seu conjunto, um multifacetado olhar sobre esta grande personalidade pública brasileira.

Esta edição é uma parceria da Casa das Garças e Edições de Janeiro com o suporte editorial e operacional da Janela Amarela Editora.

FESTSCHRIFT PARA MARCÍLIO

ORGANIZADORES:
EDMAR BACHA E JOSÉ LUIZ ALQUÉRES

FESTSCHRIFT
PARA MARCÍLIO

AUTORES:
ARMINIO FRAGA • CELSO LAFER • EDMAR
BACHA • ELENA LANDAU • GELSON FONSECA
JUNIOR • JOSÉ LUIZ ALQUÉRES • LUIZ ANTONIO
GONÇALVES • MERVAL PEREIRA • PAULO GURGEL
VALENTE • PEDRO BODIN • PEDRO MALAN



Rio de Janeiro
2025

© 2025 desta edição, Edições de Janeiro

© 2025 Arminio Fraga, Celso Lafer, Edmar Bacha, Elena Landau, Gelson Fonseca Junior, José Luiz Alquéres, Luiz Antonio Gonçalves, Merval Pereira, Paulo Gurgel Valente, Pedro Bodin, Pedro Malan

Editores

Edmar Bacha
José Luiz Alquéres

Coordenação Editorial

Janela Amarela Editora

Produção Executiva

Carol Engel

Revisão

Taty Guedes
Matheus Mitre El Tayar

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação

Isaias C. Silveira - AboboraX Design

Imagem da capa

Acervo Casa das Garças

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F458

Festschrift para Marcílio / organização Edmar Bacha, José Luiz Alquéres. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Janela Amarela, 2025.

ISBN 9786585000345

1. Moreira, Marcílio Marques. 2. Política econômica - Brasil. 3. História econômica - Brasil. I. Bacha, Edmar. II. Alquéres, José Luiz.

CDD: 330.092

CDU: 330(81)(092)

25-96578

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora ou do autor.

Este livro foi revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

APOIO: Instituto de Estudos
de Política Econômica
Casa das Garças



www.edicoesdejaneiro.com.br
contato@edicoesdejaneiro.com.br



www.janelaamarelaeditora.com.br
contato@janelaamarelaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

EDMAR BACHA E JOSÉ LUIZ ALQUÉRES

Este livro em homenagem a Marcílio Marques Moreira origina-se do seminário realizado na Casa das Garças, no Rio de Janeiro, em 5 de dezembro de 2024, em comemoração do lançamento da autobiografia de Marcílio, *O Social como Elixir* (Insight, 2024).

Não foi a primeira vez que Marcílio foi homenageado na Casa das Garças. Em 1º de novembro de 2013, realizou-se ali seminário comemorativo de 20 anos da reestruturação da dívida externa brasileira, cujas minutas foram acordadas por Pedro Malan, como negociador da dívida externa na gestão de Marcílio no Ministério da Economia. Além de Marcílio, falaram neste seminário de 2013 Affonso Celso Pastore, Carlos Eduardo Freitas, Gustavo Franco, Monica de Bolle e Pedro Malan.

Em 11 de dezembro de 2017, em conjunto com o CEBRI - Centro Brasileiro de Relações Internacionais, realizou-se na Casa das Garças o seminário sobre semelhanças e diferenças entre dois governos de transição, ou governos de “parlamentarismo informal” na denominação de Merval Pereira, em coluna no

O Globo, reproduzida neste livro. Este seminário coincidiu com o lançamento do livro *Quixote no Planalto* (Edições de Janeiro, 2017), organizado e editado por José Luiz Alquéres, contendo breve esboço biográfico do Ministro Marcílio, elaborado por Ney Carvalho.

Esse seminário propôs-se a comparar o governo Temer, então em exercício, com o chamado “Ministério dos Notáveis”, encabeçado por Marcílio, na fase final do governo Collor em 1992.

Além de Marcílio, compuseram a mesa Arminio Fraga Neto e Pedro Malan, com mediação de Merval Pereira.

Em 2021, a Casa das Garças divulgou a série de podcasts intitulada *A Arte da Política Econômica*, dedicada a experiências de política econômica desde a redemocratização em 1985. Foram 30 entrevistas concedidas a José Augusto Fernandes por profissionais que passaram pelo setor público ou tiveram envolvimento no desenho de políticas públicas. Marcílio foi personagem de um dos podcasts, com foco em sua experiência no Ministério da Economia de 10 de maio de 1991 a 2 de outubro de 1992.

Esses podcasts foram convertidos em livro, também com o título de *A Arte da Política Econômica* (História Real/Intrínseca, 2023), cujo lançamento no Rio de Janeiro, com a participação de Marcílio, foi feito na livraria Travessa do Leblon, em 26 de junho de 2023.

O seminário de 5 de dezembro de 2024, na Casa das Garças, foi, por assim dizer, um coroamento desse conjunto de homenagens, consistindo em falas de amigos e ex-colaboradores de Marcílio, a propósito da publicação de sua autobiografia. Às versões escritas das apresentações feitas por Arminio Fraga Neto, Elena Landau, Luiz Antonio Gonçalves, Pedro Bodin, Pedro Malan, além dos autores desta Apresentação, agregamos textos de Celso Lafer, Gelson Fonseca, Merval Pereira e Paulo Gurgel Valente, para compor este *Festschrift* de singela homenagem ao intelectual público exemplar que é Marcílio Marques Moreira.

SUMÁRIO

PARTE I - MARCÍLIO, O HOMEM

- Saudação a Marcílio Marques Moreira
EDMAR L. BACHA13
- Sobre os Caminhos de Marcílio
CELSO LAFER17
- Marcílio Marques Moreira, O Professor
GELSON FONSECA JÚNIOR21

PARTE II - O ESTILO DE MARCÍLIO

- Um Brasileiro Singular
LUIZ ANTONIO GONÇALVES27
- Resgatando o Titanic Brasileiro
PAULO GURGEL VALENTE31
- Exemplo de Moral e Ética
PEDRO L. BODIN DE MORAES35

PARTE III - A GRANDE OBRA

- Homenagem a Marcílio Marques Moreira
PEDRO S. MALAN41
- Uma Lição de Vida
ARMINIO FRAGA49
- Parlamentarismo Informal
MERVAL PEREIRA53

PARTE IV - MARCÍLIO, EXEMPLO INSPIRADOR

- Liberalismo é o Caminho
ELENA LANDAU61
- Marcílio, o Econômico, o Social,
o Político e o Espiritual
JOSÉ LUIZ ALQUÉRES65

PARTE I
**MARCÍLIO, O
HOMEM**



SAUDAÇÃO A MARCÍLIO MARQUES MOREIRA

EDMAR L. BACHA

Em estudo sobre o liberalismo e o papel político dos intelectuais, Bolívar Lamounier classifica os intelectuais públicos em três categorias: tribunos, profetas e sacerdotes. Tribunos defendem uma causa específica. Profetas proclamam novos caminhos. Sacerdotes zelam pelos cânones sagrados.

Marcílio Marques Moreira é um intelectual público por excelência. Mas não é fácil enquadrá-lo nas categorias de Lamounier. A visão sobre os desafios brasileiros que Marcílio nos propõe em sua autobiografia não é só a do economista, do financista, do sociólogo, do historiador, do jurista – é a visão de

um liberal moderno que afirma, sem hesitar, que não haverá construção nacional sem atender a princípios éticos bem definidos e à realidade bruta da pobreza que marginaliza parte significativa de nossa população.

Mas, tribuno, profeta ou sacerdote? Para me ajudar a responder essa indagação, considero a geração de intelectuais públicos brasileiros da geração de Marcílio, que nasceu em 1931. Defino sua geração algo arbitrariamente como pessoas nascidas num intervalo de 12 anos, de 1925 a 1937. Embora trate-se menos de proximidade de idade do que do compartilhamento naquele momento histórico de um mesmo universo social e cultural. Entendo intelectual público como o estudioso que não somente participa ativamente do debate público, mas é um ser político, ao exercer o múnus público e verbalizar opiniões políticas mesmo sem afiliação partidária.

Identifico 20 intelectuais públicos brasileiros da geração de Marcílio, nascidos entre 1925 e 1937: Raymundo Faoro, de 1925; Candido Mendes de Almeida e Antônio Delfim Netto, de 1928; Affonso Arinos de Mello Franco, Boris Fausto, José Arthur Giannotti, José Gregori, José Sarney, Maria da Conceição Tavares, Ruth Cardoso – todos de 1930; Fernando Henrique Cardoso e João Paulo dos Reis Velloso, de 1931; Eduardo Portella, de 1932; Luiz Carlos Bresser Pereira e Sergio Paulo Rouanet, de 1934; Arnaldo Niskier e Mario Henrique Simonsen, de 1935; Roberto DaMatta, de 1936; Francisco Weffort e Rubens

Ricupero, de 1937. Com a aprovação de Marcílio, completando 21, incluo na lista José Guilherme Merquior, representante maior do liberalismo brasileiro, nascido em 1941.

Que belo grupo!

O julgamento se entrelaça ao afeto que tenho por eles, mas quem me parece mais próximo a Marcílio nesta lista é Fernando Henrique Cardoso: afiliação intelectual weberiana, social-liberalismo, dedicação à causa pública, importância na História do país.

Assim se revela nesta autobiografia Marcílio, seja como tribuno, profeta ou sacerdote!

IEPE/Casa das Garças, 04/12/2024



SOBRE OS CAMINHOS DE MARCÍLIO

CELSO LAFER

A autobiografia de Marcílio, elaborada numa límpida prosa, é composta por recortes abrangentes de uma longa vida. Possui uma dimensão esclarecedora dos seus caminhos e de sua identidade de intelectual e homem público.

As passagens marcantes de sua autobiografia dão ênfase aos momentos importantes da vida brasileira que seguiu de perto e dos quais também participou. O trato destes momentos vem acompanhado de seus textos de distintas épocas, que esclarecem a *vis directiva* de sua razão de agir e de pensar em distintas circunstâncias. No seu conjunto, estes recortes são uma relevante

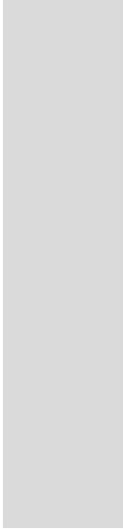
contribuição à dinâmica da interação dos fatores e variáveis que impeliram o processo decisório da vida brasileira em diferentes conjunturas econômicas e políticas.

A autobiografia de Marcílio é, também, uma autobiografia intelectual, pois vai explicitando, na sua narrativa, como foi elaborando as matrizes do pensamento que guiou a sua ação e os seus caminhos. Nesta elaboração estão subjacentes a abrangência da cultura, conjugada com o saber de sua experiência diplomática e no setor privado. Estão sempre presentes na sua autobiografia a reflexão sobre ética e poder, a convicção norteadora de liberdade e a rejeição das prepotências totalitárias e autoritárias.

Marcílio articula no seu livro, no pluralismo das vertentes das concepções liberais, um liberalismo de abertura econômica e política, de empenho e preocupação social, com atenção para o meio ambiente e a sua sustentabilidade. É um liberalismo permeado pela afirmação da democracia, da liberdade e dos direitos humanos, como forma superior de convivência coletiva e pelos decisivos méritos do papel da razão na condução da economia e da política.

Marcílio ilumina, no seu livro, o rumo que imprimiu ao seu percurso como homem de pensamento e ação. Lembra a lição de Hauriou, o jurista francês que qualificou como um construtivista *avant la lettre*, destacando o papel decisivo da “ideia a realizar” na dinâmica de uma organização. Marcílio amplia a “ideia a realizar” para a

vida de um país e de uma sociedade, com destaque para a credibilidade de suas instituições. Esta é a lição de sua atuação, empreendida com constância e coerência e sustentada pela firme serenidade, que é uma marca de sua identidade, pertinentemente homenageada pela Casa das Garças.



MARCÍLIO MARQUES MOREIRA, O PROFESSOR

GELSON FONSECA JÚNIOR

Marcílio foi meu professor no Instituto Rio Branco em 1968. A cadeira que lecionava tinha um título ambicioso, Pensamento Político Contemporâneo. Restrita a um semestre, terão sido menos de vinte aulas. Mas, para mim e para muitos dos meus colegas, foi talvez a mais marcante e, de uma certa maneira, a mais surpreendente do currículo. As matérias das outras disciplinas eram previsíveis, e algumas repetiam os temas exigidos pelo vestibular ou do curso universitário que seguíamos; no meu caso, Direito, que não me trazia novidades nas especialidades que conhecia. Em relação à do Pensamento Político, não tinha ideia

do que o título do curso propunha, tive que esperar as aulas começarem para saber. Eu, por acaso, conhecia o Marcílio, mas à distância. Ele não frequentava, como Maria Luiza, mas aparecia vez por outra em um curso que o Merquior ofereceu, uns anos antes, sobre história da estética, em seu apartamento em Santa Teresa. Eu ouvia silenciosa e respeitosamente o que o Zé Guilherme dizia e os comentários dos participantes, como o Marcílio. Eu entendia pouco ou quase nada do que se falava, mas despertavam imensa curiosidade. Terá sido a primeira vez que soube como se lidava a vida das ideias, com o pensamento filosófico. A segunda foi no curso do Marcílio.

Devo dizer, desde já, que o curso era a melhor proposta para cumprir a promessa da ambição do título, a começar pela solução metodológica. Era exigida a leitura de textos originais de pensadores políticos, um texto por autor. Começamos com *O Príncipe*, de Maquiavel, e terminamos, com *The Nerves of Government*, de Karl W. Deutsch. Entre os dois, Stuart Mill, Tocqueville, Hegel, Weber, Mannheim, Wright Mills, Marx e Lenin. A oferta era difícil de digerir, certamente para mim, que, pela primeira vez, encontrava autores que só conhecia de ouvir falar ou olhar a capa de seus livros na Livraria Leonardo da Vinci, passagem frequente dos alunos do Rio Branco. Marcílio foi um guia cuidadoso e paciente, sobretudo quando enfrentamos textos complexos, como o da *Filosofia do Direito*, de Hegel. Parte do curso era o

que os alunos, em grupo, preparavam sobre um dos autores e, no caso do meu grupo, foi o *On Liberty*, de John Stuart Mill. Cada texto, uma revelação, o sentimento de que íamos ganhando conhecimento de conceitos fundamentais para compreender como funcionavam, para que serviam, como se projetavam as ideias políticas. Marcílio nos ensinava o que eram os clássicos, como lê-los.

A escolha dos autores revelava a influência inegável que cada um teve para constituir as maneiras como se pensa ou mesmo como se faz a política. Ressalto que não havia constrangimentos ideológicos, do governo militar e do autoritarismo. Foi a primeira vez que muitos de nós lemos o *Manifesto Comunista* e o *Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*. Foi outra lição, a de que a liberdade é condição necessária para pensar. A atitude de Marcílio, nas aulas, se tornava assim uma referência. Afirmava, sem precisar dizer, o que se sempre defendeu, a liberdade e a tolerância.

Nas aulas do Rio Branco, tornei-me um admirador da carreira de homem público de Marcílio. Foi o início de uma amizade que me valeu o conselho sereno e inteligente que busquei em outras ocasiões. Tive o privilégio de ter um grande professor, dos que nos abrem para as coisas do mundo. Só me cabe expressar a gratidão e a honra de participar desta homenagem a um grande brasileiro.

*Extraído da autobiografia de Marcílio Marques
Moreira, O Social Como Elixir*

PARTE II
**O ESTILO DE
MARCÍLIO**

UM BRASILEIRO SINGULAR

LUIZ ANTONIO GONÇALVES

Boa noite a todos.

Serei breve e procurarei não ultrapassar o período estabelecido para a fala de cada um de nós, até para não desmentir o Arminio.

E explico: em certo momento da nossa jornada no Ministério, em agosto ou setembro de 1992, quando ficavam mais agudos os trabalhos da CPMI - Comissão Parlamentar Mista de Inquérito e o quadro político se deteriorava, ele e o Bodin estiveram comigo para conversar sobre nossas perspectivas. relatei que vinha tratando do tema com o Ministro, na medida do possível, e que cheguei a perguntar a ele:

– Ministro, e nossos horizontes?

– Curtos – foi a resposta.

Imediatamente, o Arminio atalhou: “não são mesmo dois tagarelas”.

Em maio de 1991, recebi o convite para assumir a Secretaria Executiva do Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento.

Início da convivência e aprendizado continuado e crescente, que transcendeu o tempo de Ministério. Isto porque, a partir de 1993, ambos aqui no Rio e no setor privado, fomos, por determinado período, vizinhos de escritório no prédio da Academia Brasileira de Letras; integrava e participava das reuniões mensais do Conselho de Políticas Econômicas da Associação Comercial, sob sua presidência; tínhamos frequentes almoços, quase sempre no restaurante do Hotel Ouro Verde, com a presença do saudoso amigo Francisco Gros; além dos jantares anuais – desde 1993 – reunindo a família/equipe MEFP 1991/1992 para, como sempre destacavam Maria Luiza e ele, “matar saudades, compartilhar ideias, notícias, esperanças, e até ventilar alguma frustração”.

Marcílio é um admirador de Max Weber – ética da consciência, ética da responsabilidade – conceitos basilares e fundamentais para a construção do Pacto da Governabilidade; também de Aurélio Agostinho de Hipona – nosso Santo Agostinho –, com seu livro *Confissões*, “um dos raros homens do mundo greco-romano que nos emociona como se fosse um

contemporâneo”, como lembrou Rubens Ricupero em seu livro *Memórias*; e, ainda, de Francisco Clementino de San Tiago Dantas, com quem trabalhou e esteve próximo por vários anos. Como certa feita me disse: San Tiago foi um brasileiro fora da curva.

Marcílio tem sua longa vida dedicada a entender a quase alucinada alternância da realidade em nosso País e no mundo, mantendo seu agudo senso de percepção e de direção diante das encruzilhadas com que se depara nosso país em incômoda frequência.

Numa ocasião, permito-me reproduzir, dizia Marcílio: “Paradoxalmente, é estreita a passagem que conduz à sociedade aberta. Para transpô-la, urge, portanto, colocar de lado ressentimentos estéreis, postulações personalistas e arroubos hegemônicos de direita e de esquerda”. Mais atual impossível, e isso foi parte do seu discurso de posse no PEN Clube, em maio de 1984.

E conclamava: “[...] as células vivas da sociedade para a ingente tarefa de discutir alternativas, redefinir conceitos e repensar valores que possam fecundar esse amplo entendimento em busca de caminhos mais promissores, [...] para o destino do país como Nação, para o resgate da esperança em direção a um Brasil mais longe de nossas angústias e mais perto de nossos sonhos”.

Em 2018 ou 2019, noutra encruzilhada em que nos encontrávamos, Marcílio, na sua tradicional fala no nosso jantar de fim de ano, externou sua preocupação

no sentido de que o Brasil estaria caminhando para a irrelevância externa e a mediocridade interna.

Não há nada que Marcílio mais abomine do que a insensatez, “A Marcha da Insensatez”. Marcílio sempre manifestou seu pasmo sobre “o quanto líderes e povos podem desviar-se para caminhos que os arrastarão à própria ruína, embora existam alternativas viáveis a tomar, e vozes suficientemente lúcidas para avisá-los dos perigos iminentes” (artigo “Marcílio Marques Moreira, uma voz lúcida aos 90 anos”, de Pedro Luiz Rodrigues – nov. 2021). E ele sempre procurou exercer esse papel.

Sempre segue peleando, como um Dom Quixote, pois é sempre necessário resgatar a esperança sem semear ilusões. Há que se buscar sempre construir condições para superar as dificuldades.

Isso porque, como nos lembra Cervantes, não se pode impedir o vento, mas é necessário construir moinhos.

Finalizo tomando as palavras dele sobre San Tiago: Marcílio “é um brasileiro fora da curva”.

IEPE/Casa das Garças, 04/12/2024

RESGATANDO O TITANIC BRASILEIRO

PAULO GURGEL VALENTE

Acaba de ser lançada a autobiografia de Marcílio Marques Moreira, *O Social como Elixir*, pela Editora Insight, uma obra essencial para quem deseja compreender um dos mais notáveis homens públicos do Brasil.

Marcílio Moreira assumiu o Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento em maio de 1991, em meio ao turbilhão deixado pelo Plano Collor, liderado por Zélia Cardoso de Mello. Este plano, que incluiu o polêmico confisco de contas bancárias e poupanças, não foi capaz de conter a inflação e mergulhou o país em uma crise de confiança e instabilidade.

Entre os que o conhecem de perto, Marcílio é lembrado como o homem que, com coragem e competência, aceitou a difícil missão de tentar resgatar o “Titanic” econômico e social do Brasil, num momento em que muitos já haviam “abandonado o navio”. Essa tarefa heroica incluiu a formação de uma equipe ministerial composta por figuras de alta credibilidade, destacando-se como um esforço de restauração da normalidade política e econômica. Não é exagero dizer que, sob um sistema parlamentarista, Marcílio teria sido o Primeiro-Ministro.

Sua trajetória nesse período crítico pode ser comparada, guardadas as proporções, à de Winston Churchill durante a Segunda Guerra Mundial. Embora o Brasil não tenha enfrentado um conflito armado, a crise econômica e social que ameaçava o país era um campo de batalha por si só. Foi a habilidade de Marcílio em estabilizar a economia que abriu caminho para o Plano Real, do qual colhemos frutos até hoje.

Marcílio teve uma formação sólida, marcada por um episódio traumático na infância: enquanto estudava na Áustria, presenciou a anexação do país pela Alemanha nazista. Essa experiência moldou seu caráter, reforçando sua adesão aos princípios do liberalismo filosófico e político, bem como seu compromisso inabalável com a ética. Muito antes de sua atuação no governo Collor, sua trajetória inclui uma visão pioneira sobre problemas urbanos. Já na metade do século XX, ele chamava atenção para o crescimento das favelas e suas

implicações sociais. Sua preocupação com o urbanismo e a dignidade humana refletia uma visão que ia além dos números econômicos.

Outro capítulo marcante de sua carreira foi o período em que atuou como assessor do Ministro San Tiago Dantas, tanto no Itamaraty quanto na Fazenda, durante o conturbado governo de João Goulart. Essa experiência o preparou para representar o Brasil como embaixador em Washington, de 1986 a 1991, em um período crítico das relações bilaterais com os Estados Unidos.

Não há como sintetizar a profundidade e riqueza das quase 500 páginas de sua autobiografia. Contudo, é seguro afirmar que a leitura de *O Social como Elixir* é indispensável, especialmente num momento em que o Brasil de 2024 enfrenta desafios que ecoam os de 1991. Mais do que nunca, precisamos de líderes que, como Marcílio Marques Moreira, personifiquem ética, credibilidade e compromisso com o bem público.

Dezembro 2024

Originalmente publicado em:

<https://www.profitprojetos.com.br/opiniao/500-dias-resgatando-o-titanic-brasileiro/>

EXEMPLO DE MORAL E ÉTICA

PEDRO L. BODIN DE MORAES

Há quatro anos, Elena Landau organizou um webinar em homenagem a Marcílio Marques Moreira, que então completava 89 anos. Estávamos em plena pandemia, as reuniões presenciais inviabilizadas, e tive o prazer e a honra de ser um dos expositores daquela celebração. Preparei um pequeno texto para organizar as minhas ideias, dando a devida ênfase ao seu ideário liberal, seguindo o pedido da nossa organizadora. Naquela ocasião, concluí minha intervenção com o relato que segue abaixo:

Recordo um episódio, que nos foi contado por um diretor da Caixa Econômica Federal, com quem

a equipe econômica de então tinha intimidade e confiança, ao contrário de seu presidente, uma indicação política. Tentávamos controlar de todas as formas e sem sucesso a liquidez da instituição para que ela parasse de expandir o seu crédito naqueles meses pré-impeachment. Até que vimos que a liquidez fluía dos depósitos judiciais, que naquela ocasião cresciam de modo vertiginoso. A diretoria do Banco Central soltou então uma circular, colocando um pesado compulsório sobre estes depósitos judiciais, secando a fonte de liquidez. No dia seguinte, o presidente da instituição, ao ler a notícia no jornal, bradou ao seu auxiliar, nosso aliado, em seu forte sotaque pernambucano: “Isto é coisa de Gros!” E mais adiante: “Isto é coisa de Bodin!” Na verdade, tudo era obra de Marcílio, ainda que não fosse óbvio ao exaltado reclamante. Nosso homenageado, ao contrário de vários outros ocupantes de sua cadeira que falam sem fazer, operava em silêncio e sem fazer alardes!

Este episódio reflete com exatidão a personalidade do nosso Marcílio. Deixando o conforto da embaixada de Washington, assumiu a pasta da Economia, que na ocasião incluía os ministérios da Fazenda e do Planejamento, e foi tratar, na imagem do saudoso Dionísio Dias Carneiro, do paciente politraumatizado, que era a economia do país. Senão, vejamos, quando Marcílio desembarcou em Brasília, a poupança financeira encontrava-se bloqueada, a moeda de curso forçado fortemente apreciada, os preços das tarifas

públicas defasados, o déficit fiscal em elevação e as reservas internacionais minguadas, bem abaixo dos patamares mínimos estabelecidos em resolução do Senado Federal. Sem ceder aos proponentes de uma solução mágica, de uma dolarização radical – convém lembrar que a vizinha Argentina ainda era um caso de sucesso –, Marcílio seguiu no caminho da reconstrução lenta e gradual, corrigindo os desequilíbrios aos poucos, sem grandes pirotecnias. Hoje pode-se dizer que o começo da tão almejada estabilização de preços, brilhantemente arrematada pelo Plano Real, ocorreu neste período sob a gestão de Marcílio.

Gostaria de concluir este meu depoimento ressaltando a postura moral e ética do nosso homenageado. Nestes tempos em que o conflito de interesses impera sem qualquer bridão, que sentenças e condenações são suspensas por meras technicalidades, a postura ética de Marcílio não apenas sobressai, como serve de farol, guia para o presente e para as gerações futuras. Sim, ser ético, correto, ter o interesse público como norte, não é a exceção. Este é o seu verdadeiro e duradouro exemplo. Obrigado!

IEPE/Casa das Garças, 04/12/2024

PARTE III
A GRANDE OBRA



HOMENAGEM A MARCÍLIO MARQUES MOREIRA

PEDRO S. MALAN

É um prazer e uma honra para mim participar desta homenagem ao Ministro Marcílio Marques Moreira. E uma grande responsabilidade dividir esta mesa com Marcílio e um grupo de excelentes colaboradores seus, como Luiz Antonio Gonçalves, José Luiz Alquéres, Arminio Fraga, Elena Landau e Pedro Bodin. Este evento na Casa das Garças é parte dos festejos de lançamento da autobiografia de Marcílio, cuja leitura recomendo a todos. Inclusive dos excelentes prefácio e posfácio, assinados, respectivamente, por Edmar Bacha e Celso Lafer.

O tempo é curto, e muitos desejam fazer uso da palavra. Outros, que não eu, falarão sobre a vida e a brilhante carreira de Marcílio como diplomata, intelectual, empresário/executivo e escritor. Nesta minha breve intervenção, vou me restringir ao período em que Marcílio ocupou o Ministério da Fazenda, de 10 de maio de 1991 a 2 de outubro de 1992 – cerca de 500 dias de grande importância para o Brasil, como preparação de terreno para as mudanças que se seguiriam, em particular para outros cruciais 500 dias, entre a chegada do Fernando Henrique Cardoso ao Ministério da Fazenda, na terceira semana de maio de 1993, e sua eleição em primeiro turno para Presidente do Brasil, no início de outubro de 1994, graças ao lançamento do Real.

Quero chamar a atenção para três pontos, a meu ver cruciais para o Brasil e seu futuro, que foram marcas muito relevantes da gestão do Marcílio no Ministério da Economia (como era chamado na época) – e da gestão de Francisco Gros no Banco Central (outra excelente escolha de Marcílio).

I

Em 2024, a Editora 34 publicou, em comemoração aos 30 anos do Real, uma segunda edição revista e ampliada (e com três textos inéditos de Pêrsio Arida, André Lara Resende e Pedro Malan) do livro de 1996

intitulado *Conversas com Economistas Brasileiros*, de Ciro Biderman, Luis Felipe Cozac e José Marcio Rego.

Em seu excelente prefácio a esta segunda edição, Pêrsio Arida chamou a atenção para algo que é relevante para entender o significado da gestão de Marcílio Marques Moreira. Vale sintetizar seu argumento: o Plano Cruzado, lançado, no início de março de 1986, para tentar derrotar a inflação que alcançara cerca de 240% no ano de 1985, contemplava um congelamento de preços que deveria ter duração relativamente curta no tempo, e ser acompanhado de outras mudanças e reformas. Mas a popularidade do congelamento foi de tal ordem que a classe política fez com que este fosse estendido até as eleições de outubro daquele ano, sem que se avançasse nas outras medidas. O efeito eleitoral do congelamento foi extraordinário: o PMDB elegeu 26 dos 27 governadores de Estado, conquistou ampla maioria no Senado Federal e mais de 50% dos eleitos para a Câmara dos Deputados.

Apesar de ter fracassado em controlar a inflação alta e crescente, no imaginário coletivo, o Cruzado gerou a percepção de que era possível fazer o que Pêrsio chamou de “O Cruzado certo”. E tentou-se o congelamento sem gatilho, o congelamento com desvalorização cambial, o congelamento com taxas de juros elevados, o congelamento sem indexação, o congelamento com retenção compulsória de liquidez e o congelamento com aumento de impostos. Tivemos o Cruzado II, ainda em 1986, o Plano Bresser, em 1987, o Plano

Verão, na virada de 1988 para 1989, o Plano Collor I, em 1990, e o Plano Collor II, em 1991.

Neste ciclo repetitivo que se estenderia até 1991, a inflação passou a ter, para usar a expressão de Arida, uma “dinâmica expectacional”: a cada congelamento que fracassava, seguia-se um período de aceleração da inflação que terminava em novo congelamento, todos buscando fazer o “Cruzado com o congelamento certo”. A inflação era movida pelas expectativas do lançamento – e provável fracasso – de novos congelamentos de preços.

Este ciclo começaria a mudar a partir de 1991 com o fracasso do Plano Color II, a saída de Zélia Cardoso de Mello e a chegada de Marcílio ao Ministério da Economia. O novo ministro afastou de vez o fantasma de um novo congelamento. Decretou o fim de surpresas e mágicas, e a economia retornou no período anterior ao Cruzado: preços contratuais indexados, *crawling* no câmbio, também indexado à inflação passada, e política monetária passiva. Tornou-se assim possível usar a base conceitual do Plano Larida (1984) para a elaboração e implementação do Plano Real – e seu comprovado sucesso na derrota da hiperinflação brasileira em 1994.

II

Em seu livro autobiográfico, Marcílio Marques Moreira cita Maquiavel: “não é de pequena importância para um príncipe a escolha de seus ministros”.

Sem dúvida. Mas também é possível dizer que não é de pequena importância para um ministro a escolha de seus colaboradores. E, ao assumir o Ministério da Economia, em 10 de maio de 1991, Marcílio tinha presente algumas das lições de Maquiavel.

O novo ministro sabia que situações podem ser muito difíceis, os desafios e os problemas por enfrentar podem ser muito sérios, mas isto não significa que não existam opções, escolhas a fazer. E a primeira delas é procurar cercar-se de pessoas certas, que são aquelas que têm as competências técnicas adequadas às funções que devem desempenhar. E, não menos importante, têm princípios e valores, posturas e comportamentos compatíveis com as exigências da hora. A idoneidade moral e a postura ética acima de qualquer suspeita que caracterizaram sempre a vida de Marcílio eram amplamente reconhecidas e facilitaram em muito a tarefa de constituição da equipe.

As escolhas de Francisco Gros, Arminio Fraga e Pedro Bodin para o Banco Central. De Luiz Antonio Gonçalves, Pedro Parente, Dorothea Werneck, Luiz Fernando Wellisch e Nelson Carvalho, entre outros, para ocupar funções de relevância no Ministério da Economia. Eu tive a honra e o privilégio de ter sido convidado por Marcílio e Francisco Gros para o cargo de Negociador-Chefe da Dívida Externa (para credores privados). Marcílio conseguiu, em pouco tempo, constituir uma grande equipe que permitiu conduzir a economia sem grandes sustos até a saída

de Collor da Presidência e sua substituição pelo então Vice-Presidente Itamar Franco.

Em 1992, com o agravamento da situação política institucional, Marcílio voltou a lembrar-se da citação de Maquiavel e desempenhou um papel de quase Primeiro-Ministro, convencendo Collor a formar um “Ministério de Notáveis”, com Célio Borja, Celso Lafer, Eliezer Batista, Helio Jaguaribe, Jorge Bornhausen, Marcus Pratini de Moraes, que levaram o Brasil até 2 de outubro de 1992, quando Itamar Franco, que havia sido eleito Vice-Presidente em 1989, assumiu a Presidência da República, com o afastamento de Fernando Collor.

III

As gestões de Marcílio e de Francisco Gros no Ministério da Economia e no Banco Central permitiram que o Brasil avançasse – e muito, apesar da difícil situação doméstica – no restabelecimento de nossas relações com a comunidade financeira internacional, pública e privada. Na virada de 1991 para 1992, conseguimos o respaldo para uma importante renegociação de nossa dívida externa no âmbito do Clube de Paris, que reunia os tesouros nacionais dos principais credores oficiais do país. Realizado com sucesso sob a chefia de Francisco Gros, em fevereiro de 1992, o acordo foi levado à Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal para aprovação. Em julho de 1992, anunciamos que nossas negociações, iniciadas em agosto de 1991,

com mais de 700 representantes de credores privados por um Comitê Negociador de 20 bancos, haviam chegado a um acordo, em princípio sobre os novos instrumentos financeiros, nos quais a dívida “velha” seria convertida. O acordo geral foi submetido ao Senado Federal e aprovado pela Comissão de Assuntos Econômicos e pelo plenário, no apagar das luzes de 1992. Mas foram necessários muitos meses mais de detalhamento (afinal, “o diabo está nos detalhes”) até que os acordos definitivos fossem assinados por todos os credores, em 29 de novembro de 1993, já por Fernando Henrique Cardoso, como Ministro da Fazenda, e seu Presidente do Banco Central (e ex-Negociador-Chefe da Dívida Externa).

As participações de Marcílio, de Gros e de Arminio Fraga, e de uma brilhante equipe de funcionários brasileiros do Banco Central (Departamentos Econômico e Jurídico), do Tesouro Nacional e da Procuradoria Geral da Fazenda Nacional foram absolutamente essenciais para o completo restabelecimento do relacionamento do Brasil com a comunidade financeira internacional (pública e privada), algo muito importante para a criação de um clima favorável ao Brasil no período que antecedeu – e no que se seguiu ao lançamento do Real.

Gostaria de concluir com uma observação de um grande amigo comum, também admirador de Marcílio,

o Embaixador Marcos Azambuja. Ao tomar conhecimento de que este aceitara a posição de Ministro da Economia naquele contexto de maio de 1991, Azambuja saiu-se com a seguinte bem-humorada analogia: “Quando o transatlântico Titanic colidiu com um iceberg gigante e começou a fazer água e a adernar, os passageiros em pânico brigavam para ocupar os escaleres que procuravam se afastar o mais possível do navio que adernava perigosamente, indicando que iria em direção ao fundo do mar. O escaler de Marcílio, ao contrário dos demais, avançava destemidamente – de volta para o Titanic!”.

Brincadeiras de amigos à parte, o fato é que Marcílio teve a coragem de aceitar o desafio – e tê-lo enfrentado de uma maneira tão digna o fez mais que merecedor desta singela, mas significativa homenagem que lhe presta o Instituto de Estudos de Política Econômica/Casa das Garças. Marcílio fez diferença – e certamente a favor do Brasil e dos brasileiros.

IEPE/Casa das Garças, 04/12/2024

UMA LIÇÃO DE VIDA

ARMINIO FRAGA

Em 1991, aos 33 anos de idade, fui convocado por gente que eu apreciava e respeitava profissionalmente para um grande desafio cujo contexto maior era o desmonte do Plano Collor; resolver impasses com o Fundo Monetário Internacional (FMI); com credores públicos e privados; e promover a modernização e desburocratização das regras cambiais.

Durante a gestão de Francisco Gros no início dos anos 1990 no Banco Central, no lado macro e internacional, os destaques eram a necessária flutuação (forçada) da taxa de câmbio, acompanhada de um forte aperto na política monetária. As reservas cambiais livres (i.e., não aplicadas na Petrobras e no Banco do Brasil)

chegaram a cerca de US\$ 3 bilhões, e não houve alternativa: quando saímos do mercado, a taxa de câmbio se depreciou. O movimento acabou sendo de apenas 14%, uma certa surpresa e um grande alívio! Cabe mencionar que tomamos todos os cuidados para não deixar a informação vazar, inclusive evitando o uso de telefone para passar qualquer informação na noite de domingo quando tomamos a decisão, e deixando o câmbio flutuar logo na abertura do mercado na segunda-feira.

Em paralelo ao lado mais macro, apresentamos um plano para a reestruturação da dívida externa ancorada por um acordo de *stand-by* com o FMI. As tratativas foram intensas, mas produtivas. Durante a reunião anual com o Fundo, no outono de 1991, as conversas estavam quentes, assim como outras com governos e bancos. O Ministro Marcílio Marques Moreira estava escalado para dar uma palestra em evento, sempre lotado, da Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos. Estando com a agenda cheia, Marcílio e Francisco Gros – então Presidente do Banco Central – decidiram me pedir que fosse falar em nome deles, experiência um tanto tensa para este escriba. Felizmente, Marcílio tinha o discurso alinhavado, dividido entre uma análise da dupla transição – política e econômica – que o país vivia e uma apresentação de nossa agenda de reformas. A agenda lembrava bastante a de hoje, salvo quanto à estabilização e ao balanço de pagamento, atualmente em bom estado, e à saúde das finanças públicas,

atualmente em péssimo estado. No mais, falávamos de abertura, privatização, reforma tributária etc. Segui o roteiro e deixei para trás um certo medo de palco, para meu alívio – e deles, tenho certeza.

O acordo com o FMI durou pouco, em função dos conhecidos desafios políticos do momento, mas, assim mesmo, as negociações internacionais transcorreram bem: do lado privado, no contexto do Plano Brady, para a dívida com bancos (havia mil detalhes, com processo lento), e dentro das regras do Clube de Paris, para a dívida com governos (um dia e uma noite sem dormir deram conta do recado). Desde então, o Brasil vem se mantendo corrente com suas obrigações, tendo inclusive atingido por um tempo o grau de investimento (no momento aniquilado pelos descalabros do governo liderado pelo Partido dos Trabalhadores, com apoio de boa parte das lideranças empresariais do país).

No front doméstico, avançamos bastante na desburocratização e abertura do regime cambial. Algum destaque merece a criação de regras para emissão de ADRs (*American Depositary Receipts*) e para investimento externo nas bolsas locais – o chamado Anexo IV. Avançamos também e bastante nas regras do câmbio turismo, dando transparência para algumas transações que ocorriam no mercado paralelo e pavimentando o caminho para a posterior unificação dos mercados – nosso discurso era de liberdade para quem não tinha medo da luz do dia, e dificuldade para os bandidos. Acabamos com os programas de conversão de dívida

(que, na prática, representavam uma recompra de dívida a preços superiores aos praticados no mercado) e modernizamos os controles e a gestão das reservas internacionais.

Termino com uma palavra sobre Francisco Gros, um chefe especial, com quem aprendi muito. Além de ter feito a loucura de me convidar para uma diretoria do BC aos 33 anos de idade, Gros me deu muito espaço para trabalhar, o que fiz com entusiasmo, tendo me mudado para Brasília com minha jovem família. Depois de algum tempo, percebi que ele me dava todo o crédito quando as coisas andavam bem (lembro-me dele me apresentando como “Dr. Arminio”) e assumia a responsabilidade quando não iam tão bem, o que às vezes ocorria naqueles tempos turbulentos. Desnecessário dizer que minha produtividade só fez aumentar com esse tratamento. Foi para mim uma lição de vida e de gestão, que procurei seguir desde então, e que até hoje muito me emociona quando falo sobre o assunto.

Texto originalmente publicado em 2017

PARLAMENTARISMO INFORMAL

MERVAL PEREIRA

A formulação de um “parlamentarismo informal” que estamos vivendo hoje no Brasil já foi experimentada antes, há exatos 25 anos, quando o “Ministério dos Notáveis” foi formado no Governo Collor, na tentativa de manter a governabilidade enquanto um processo de impeachment contra o presidente dominava os trabalhos do Congresso.

Com uma diferença: enquanto naquela ocasião os parlamentares não interferiram na formação do gabinete ministerial, permitindo uma ação governamental livre de amarras partidárias, hoje o governo Temer depende de trocas de favores para ter o apoio do Congresso,

quer para livrá-lo dos processos de impeachment quanto para aprovar as reformas estruturais propostas, inclusive a emperrada reforma da Previdência.

Talvez se o presidencialismo de coalizão estivesse tão deformado quanto hoje, com o fisiologismo dominando as negociações políticas, Collor tivesse escapado do impeachment. Mas tínhamos naquela ocasião um esquema regional de apropriação do dinheiro público que se transferiu para o governo central sem divisão do butim com o Congresso, o que facilitou a unanimidade do impeachment.

Ontem, a Casa das Garças, no Rio, e o CEBRI, dois dos principais *think-tanks* do país, promoveram um debate sobre esse período, com o lançamento do livro de Marcílio Marques Moreira, ex-Ministro da Economia, Fazenda e Planejamento, editado pela Edições de Janeiro, intitulado *Quixote no Planalto, o resgate da dignidade em tempos adversos*. Participaram do debate, do qual fui o moderador, o ex-Ministro da Fazenda Pedro Malan, que atuou como negociador da dívida externa, e o ex-Presidente do Banco Central, Arminio Fraga, que foi diretor do mesmo BC no período.

Os dois valeram-se da experiência daquele período para fazer paralelos com outras transições econômicas brasileiras das quais participaram, como a que resultou no Plano Real no Governo de Fernando Henrique

Cardoso. Do grupo que atuou naquela ocasião em diversos níveis, saíram vários ministros e presidentes do Banco Central e de outras autarquias federais nos governos seguintes de Itamar Franco e Fernando Henrique, podendo ser visto o período como um embrião do Plano Real.

Um dos fatos mais relevantes daquela ocasião foi o chamado “pacto de governabilidade” feito entre os integrantes do “Ministério de Notáveis”. No dia 25 de agosto de 1992, seus componentes, entre eles Marcílio Marques Moreira, Celso Lafer (Relações Exteriores), Célio Borja (Justiça), Jorge Bornhausen (Governo), Sergio Rouanet (Cultura), Eliezer Batista (Secretaria de Assuntos Estratégicos), Adib Jatene (Saúde), emitiram um comunicado em defesa da governabilidade, comprometendo-se a permanecer em seus cargos até o fim do eventual processo de impeachment.

No comunicado os ministros observaram que “seguros da honradez de suas vidas”, não temiam a ameaça de perderem o respeito de seus concidadãos, “exatamente por servi-los em hora difícil e em circunstâncias adversas”. Os signatários manifestaram sua confiança de que a crise seria resolvida nos foros constitucionais apropriados, “sem pôr em risco, em nenhum momento, os interesses maiores e as necessidades presentes da nação brasileira”.

O ex-Ministro Marcílio Marques Moreira comentou que a unidade de propósitos da equipe ajudou muito na retomada da recuperação da economia e na superação da crise política de forma absolutamente constitucional, sem que a economia tivesse sofrido abalos extraordinários, com as reservas internacionais sendo recuperadas, sem o colapso das bolsas.

A diferença de clima político também ajudou muito. Há 25 anos, havia quase uma unanimidade a favor do impeachment do presidente Collor, e os ministros, em sua maioria, não faziam parte de partidos políticos, e o “Ministério de Notáveis” era a última tentativa de Collor de manter-se no poder montando um ministério pelos critérios meritocráticos, e não políticos.

Na nossa experiência atual, vimos ministros de diversos partidos, inclusive do PSDB, negociando diretamente com o Congresso a favor do presidente Temer, e vários deles retornando a seus mandatos na Câmara para votar pela permanência do presidente.

A diferença é que, naquela ocasião, como disseram no comunicado à nação, “os ministros consideravam seu dever prosseguir trabalhando, com serenidade, para assegurar a indispensável continuidade da administração pública, da atividade privada e da tranquilidade dos cidadãos”.

Marcílio ontem confessou que até hoje não sabe como foi possível que não houvesse interferência

política nas medidas econômicas austeras que estavam sendo implantadas. Reconhece que o então presidente Collor nunca o pressionou, e até mesmo o comunicado do pacto de governabilidade foi aprovado por ele, que fez apenas um comentário: “Vocês poderiam ter sido mais generosos comigo”.

Texto publicado em O Globo, em 12/12/2017

PARTE IV
MARCÍLIO,
EXEMPLO
INSPIRADOR

LIBERALISMO É O CAMINHO

ELENA LANDAU

O liberalismo não pode ser reduzido a uma visão econômica ou uma agenda fechada. Para ser consistente, o liberalismo precisa ser defendido e exercido por inteiro. Não é à toa que hoje falo em nome do Livres para homenagear o Ministro Marcílio, referência tão importante para todos nós, liberais por inteiro.

A soma de sua ação política e sua produção intelectual faz de Marcílio, hoje, o maior liberal brasileiro vivo. Não foi por outra razão que nós, do Livres, já realizamos uma homenagem a Marcílio em parceria com a Fundação Fernando Henrique Cardoso. Como também não foi à toa o fato de que outros grandes

nomes do liberalismo brasileiro dedicaram a ele textos muito importantes para a reflexão liberal brasileira: *O Argumento Liberal*, de José Guilherme Merquior, publicado em 1981; e *Liberalismo, Contratualismo e Pacto Social*, de Celso Lafer, publicado em 1985.

Como San Tiago Dantas e Merquior, Marcílio é uma inspiração para as novas gerações de liberais dispostos a pensar os desafios reais da liberdade em um país tão desafiador e desigual como o Brasil.

No Livres, um grupo de pessoas que estão hoje na faixa dos 40 anos de idade, começou o movimento sob inspiração de uma de suas declarações favoritas: “O liberalismo político, econômico e cultural é antes um caminho a trilhar do que um ponto a chegar”.

Sua visão de mundo não ficou só nos livros, Marcílio colocou-a em prática na sua vida pública. Seja no trabalho pela urbanização de favelas, ainda nos anos 1960, seja no alerta sobre questões ambientais ou na defesa de direitos humanos.

Convenceu Sarney a revogar as portarias da ditadura que proibiam as embaixadas brasileiras de manterem relações com organizações de direitos humanos e defesa do meio-ambiente. Nos 17 meses à frente do Ministério da Economia, quando tocou agendas de privatizações, abertura econômica, negociação da dívida e organização das contas, aspectos que foram importantes, mais tarde, como bases para o Plano Real. Um liberal por

inteiro. Nos ensinou que a defesa da liberdade anda de mãos dadas com a responsabilidade individual e o compromisso com valores éticos e com as próximas gerações. “Não se pode ceder à tentação do *curto prazismo*, mesmo que esta renda frutos imediatos e fácil popularidade. A contemporização com o presente, em detrimento de uma abertura ao futuro, é uma dessas formas de deslealdade com a história”.

Selecionamos para finalizar, porque vale muito para o país de hoje, um de seus ensinamentos: “Urge que o Estado, o mercado e a sociedade civil reaprendam – já que parecem ter esquecido – a mostrar apreço à confiança, à verdade, à perseverança, à obediência à lei, ao respeito à coisa pública e à propriedade privada, à solidariedade com o outro, assim como ao compromisso com as qualidades morais mais nobres que, só elas, serão capazes de emprestar sentido pleno ao viver em sociedade, substituindo fúteis deslumbramentos ou estereis pessimismos por tranquila segurança, enobrecedora dignidade e renovada esperança no porvir”.

Em um país rachado pela polarização, o resgate do caráter plural do liberalismo é ainda mais necessário.

O lançamento da sua biografia é, sem dúvidas, uma grande oportunidade para permitir a assimilação de suas lições tão valiosas por novas (e velhas) gerações.

Em nome dos jovens liberais do Livres, com votos de que possamos continuar desfrutando por muito

tempo da sua referência viva para o agir ético, pelo futuro do Brasil, da nossa democracia e do amor à liberdade, me coube deixar um: obrigado, Marcílio!

IEPE/Casa das Garças, 04/12/2024

MARCÍLIO, O ECONÔMICO, O SOCIAL, O POLÍTICO E O ESPIRITUAL

JOSÉ LUIZ ALQUÉRES

Após ouvir atentamente as palavras daqueles que me precederam, todos grandes economistas e colaboradores da equipe que Marcílio reuniu por ocasião de seu período no Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento, eu, que participei desta equipe no sentido mais amplo, na qualidade de Secretário Nacional de Energia por convocação de Marcus Pratini de Moraes, não vou me fixar nos aspectos ligados à condução da economia que influenciam todas as nossas atitudes, mas

naquelas áreas que, em minha vida profissional, pude ter algum tipo de relação com o Ministro Marcílio.

Conforme escrito no livro, a primeira das vinhetas que eu gostaria de trazer é a proximidade do Ministro com o Padre Hélder, posteriormente Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Hélder Câmara. Ele foi levado a conhecer Padre Hélder quando este chegou do Ceará. Um padre franzino, de forte comprometimento com a área social. Através de ligações com pessoas da família de Marcílio, aproximaram-se e mantiveram uma amizade que se prolongou até o falecimento de Dom Hélder. Como bem Marcílio registra em seu livro, Dom Hélder já deveria estar não só beatificado, mas santificado pela igreja em função de sua vida dedicada à redução das desigualdades sociais, com toda habilidade e coragem que podem estar abrigadas em um corpo frágil, mas em uma mente lúcida e comprometida.

O segundo ponto que eu gostaria de lembrar, me é muito grato e importante porque sou um engenheiro civil formado em Planejamento Urbano. O tema das cidades e do urbanismo era o tema mais em voga quando me formei e este tema era objeto no tocante à aplicação de interesse social de correntes que lutavam entre os que advogavam pela remoção de favelas e aqueles, como Marcílio, que tinham uma visão mais generosa no sentido de dotá-las de condições adequadas de vida. Marcílio havia sido nomeado presidente da Codesco - Companhia de Desenvolvimento de Comunidades, onde uma equipe multidisciplinar

de arquitetos, da qual faziam parte colegas meus de colégio, como Carlos Nelson e pessoas de meu círculo de relações, como a arquiteta Silvia Vanderlei, o arquiteto Aroeira e outros, desenvolveu um trabalho de ouvir as lideranças comunitárias e promover, com seu conhecimento técnico e sua visão humanística, a transformação daquilo que antes havia sido uma favela de barracões de zinco (muito pitorescamente cantados nos sambas da época, mas que representavam, na realidade, um modo de vida sub-humano) em um bairro popular. Marcílio acompanhou este trabalho frequentemente, indo com suas filhas ainda pequenas visitar essa comunidade em Brás de Pina. E foi com muita emoção que nove dessas pessoas estiveram na semana passada no lançamento de seu livro.

Em um salto nesta abordagem por vinhetas, outro ponto muito interessante colocado no livro é o relacionamento de Marcílio que, como membro da equipe do Ministro da Fazenda San Tiago Dantas, interagiu com frequência com Celso Furtado, idealizador dos primeiros planos de desenvolvimento regional compreensivos e que vinha de uma experiência anterior na Sudene - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, fundada por ele, em um trabalho que agregava o melhor da inteligência econômica naquele período. Celso Furtado, Octávio Dias Carneiro, José Guilherme Merquior, San Tiago Dantas e Marcílio entendiam que o caminho para se atingir o desenvolvimento como fim seria um caminho percorrido com

a presença do Estado e da iniciativa privada, como todas as atitudes adotadas naquela época.

Por fim, eu queria mostrar a capa do livro *Quixote no Planalto*, que pude editar a convite não apenas de Marcílio, mas de vários companheiros do governo – e me recordo do apoio recebido de Arminio Fraga e Pedro Bodin para sua publicação. Lembro também suas colaborações escritas, além daquelas de Celso Lafer, Pedro Malan, Roberto Macedo e da minha própria, que sucedem a um brilhante extrato biográfico preparado por nosso querido e saudoso Ney Carvalho, homem do mercado e também historiador. Esse livro contém um conjunto de boas charges da coleção de Marcílio. Charges publicadas durante o período em que ele foi Ministro da Economia, muitas delas de autoria de Chico Caruso e outros. Quando editei o livro, chamei o Chico para fazer a capa, mas ele estava impedido de fazê-lo e indicou o ótimo Aroeira, que a fez. Gostei muito. Ela simboliza o ideal quixotesco que Marcílio aponta no prefácio da obra seminal de San Tiago Dantas, *Dom Quixote, um apólogo da alma ocidental*, como o mais generoso tipo de amor: o “dom de si mesmo”, que é o dom que se faz a uma causa, a um amor, algo que transcende os limites de qualquer forma de interesse. É aquele engajamento que Malan lembrou muito bem ao narrar as observações do Embaixador Marcos Azambuja sobre a aceitação de Marcílio em se tornar Ministro da Fazenda a convite de Collor. Dizia jocosamente Azambuja: “Marcílio simboliza aquela pessoa que está

num escaler vendo o Titanic afundar e, em vez de se afastar, dirige-se remando vigorosamente a ele para subir na embarcação e tentar salvá-lo”. Eu diria mais que isso: essa remada foi conjunta. Todos que estão aqui de alguma forma passaram por isso. Eu mesmo ouvi de Marcílio naquela ocasião: “É, Alquéres, você está aqui. Isto possivelmente vai estragar seu currículo, mas o que se há de fazer... o Brasil precisa que se faça este esforço”. O esforço valeu a pena e eu entendo que para todos nós ele representou, usando a frase de Winston Churchill, “*our finest hour*”.

Muito obrigado a todos.

IEPE/Casa das Garças, 04/12/2024

Instituto de Estudo de Política Econômica/Casa das Garças

O Instituto de Estudos de Política Econômica/Casa das Garças (IEPE/CdG) foi constituído em 30 de outubro de 2003, como uma associação civil de direito privado sem fins econômicos. Seu objeto é promover estudos, pesquisas, seminários, debates, cursos e publicações, visando discutir a realidade socioeconômica do país. Está localizado na Casa das Garças, Gávea, Rio de Janeiro, residência com projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer e jardins de Burle Marx.

Festschrift é uma coletânea de textos escritos por diversos autores em homenagem a um acadêmico ou intelectual de destaque. Esse tipo de tributo celebra as contribuições do homenageado ao seu campo de estudo, reunindo ensaios de colegas, discípulos e admiradores. A palavra vem do alemão, onde *Fest* significa “celebração” e *Schrift* significa “escrito”, refletindo seu propósito de reconhecimento e apreço. Além de exaltar a trajetória do homenageado, um *Festschrift* contribui para o avanço do conhecimento, ao reunir novas perspectivas e pesquisas inspiradas em seu trabalho, consolidando assim seu impacto acadêmico e intelectual.

